

IDENTIDADE, IRONIA E CETICISMO NO POEMA “GUTES ZUREDEN” DE HANS MAGNUS ENZENSBERGER

DIONEI MATHIAS*

RESUMO

Este artigo objetiva discutir o poema “Gutes Zureden” da coletânea *Kiosk*, publicada em 1995 por Hans Magnus Enzensberger. Na parte inicial, o artigo apresenta uma discussão teórica sobre o conceito de identidade e sua confluência com preocupações oriundas da discussão poética da segunda metade do século XX, adicionando as contribuições de Enzensberger sobre a indústria da consciência. Nos três vetores dessa discussão, o foco recai sobre problemas da gestão semântica e dos usos da língua. A segunda parte do artigo apresenta uma análise do poema, a fim de verificar o modo como o conceito de identidade é problematizado no texto.

PALAVRAS-CHAVE: Hans Magnus Enzensberger. Kiosk. Gutes Zureden. Identidade. Poesia.

INTRODUÇÃO

Nascido em 1929, Hans Magnus Enzensberger é hoje uma das vozes mais importantes da poesia contemporânea de expressão alemã. Esse status resulta de uma longa carreira dedicada à literatura e, sobretudo, à reflexão sobre múltiplas formas de problematizar fenômenos da sociedade contemporânea. Como testemunha de diferentes fases da história de seu país, Enzensberger sempre mostrou um olhar muito atento às dinâmicas discursivas que fundamentaram o convívio social. Seu esforço intelectual

* Doutor em Letras pela Universität Hamburg. Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: dioneimathias@gmail.com Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-8415-1460>

sempre permaneceu dirigido para o questionamento do *status quo*, ideando soluções estéticas para desencadear a revisão das estratégias de apropriação de realidade.

Nesse horizonte, as reflexões sobre práticas identitárias têm um lugar de destaque em sua produção literária. Enzensberger certamente não teve como interesse primordial discutir as implicações inerentes ao lexema “identidade” ou seus desdobramentos a partir da década de sessenta. Ele inclusive ironiza o conceito, em coletâneas como *Kiosk*, questionando sua utilidade. Na verdade, sua problematização ocorre de forma indireta, quando o autor, em seu papel de intelectual, pensa sobre as condicionantes discursivas do respectivo momento de publicação e engendra vozes líricas que se posicionam diante das sedimentações de sentido que definem o escopo acional, a partir do qual enunciam suas falas.

As respostas que provêm desses posicionamentos não são simples, talvez nem desejem realmente fornecer uma resposta, preferindo provocar, com a finalidade de despertar da letargia dominante. Nesse sentido, Enzensberger permanece fiel a seu engajamento social, como identifica Berg (2010, p. 98, tradução nossa):

Isso não significa que todo texto deva ser interpretado exclusivamente no âmbito de seu contexto sociopolítico, mas apenas que o conceito de *littérature engagée* constitui parte crucial da obra de Enzensberger, podendo, portanto, ser usado como denominador comum para comentar possíveis mudanças em sua obra.¹

As problematizações que o poeta tece a partir da experiência estética são engajadas porque questionam as modalidades de gestão semântica que atravessam a sociedade. Nas dinâmicas sociopolíticas de um contexto cultural, a constituição da identidade individual representa um elemento central no que concerne ao sentido. Nesse horizonte, tendo

¹ This does not imply that every text should exclusively be interpreted within the ambit of its socio-political context, but merely that the concept of *littérature engagée* forms a crucial part of Enzensberger's oeuvre, and could therefore be used as a common denominator to comment on possible changes in his oeuvre.

o conceito de identidade como foco, este artigo apresenta primeiramente algumas considerações sobre a discussão teórica em volta desse conceito. Na sequência, tenta identificar como essa problemática se destaca no contexto sociocultural alemão e na obra de Enzensberger, tecendo, por fim, reflexões sobre o poema “Gutes Zureden” (traduzido livremente como ‘Bons conselhos’) da coletânea *Kiosk*, de 1995.

CONFLUÊNCIAS TEÓRICAS ENTRE O CONCEITO DE IDENTIDADE E A GESTÃO DO SENTIDO

No contexto da sociedade alemã, a última década do século XX representa um período especialmente interessante para a questão de identidade. A necessidade de processamento e obtenção de clareza é múltipla. Isso inclui o trabalho contínuo de administração da memória, especialmente em relação ao regime nazista e à Shoah, mas também abarca as reverberações do Muro, com a divisão do país e suas respectivas narrativas de mundo. Em 1989, ocorre a reunificação; em paralelo, encontram-se em andamento as tessituras da União Europeia, com seu projeto de identidade transnacional, desencadeando mais esforços de administração identitária. Em menos de cinquenta anos, as propostas de identidade coletiva e seus desdobramentos individuais foram múltiplos, sempre demandando novas gestões do sentido.

Dada a velocidade nas reestruturações sociais, a transformação dessas narrativas se dá dentro de uma mesma geração, produzindo um grau de consciência mais aprofundado sobre as dinâmicas socioculturais que acompanham a reorganização das malhas discursivas. Desse horizonte emerge um princípio de desconfiança diante das ofertas macrossociais e seus encaminhamentos, o que na produção literária se traduz, em grande medida, por meio da ironia ou mesmo do sarcasmo. Nisso, desponta o questionamento sobre o elo entre identidade e poder, isto é, sobre o modo como as ofertas identitárias são empregadas para legitimar uma configuração social e a distribuição das fontes de poder no respectivo espaço social. Aqui, identidade se transforma em instrumento de manipulação, engendrando

submissão e docilidade por meio do aparato discursivo. Nesse movimento de cima para baixo, a oferta identitária tem como objetivo disciplinar os membros de uma comunidade cultural.

O movimento inverso também ocorre, fruto de um processo árduo de luta social por igualdade de direitos, em que atores sociais historicamente silenciados reivindicam seus direitos à participação. Isso se dá especialmente a partir da década de sessenta, quando diferentes agrupamentos se unem em volta de uma narrativa identitária comum, a fim de conquistar espaços, nos eixos de produção discursiva e de distribuição de recursos. Esse conjunto de esforços promoveu uma série de mudanças sociais, em alguns lugares do mundo, mas ainda está longe de ter alcançado a igualdade almejada.

Em ambos os casos, a identidade de torna foco de escrutínio, dada sua importância para as diferentes dinâmicas sociais. Na discussão teórica, o debate não é menos intenso. Pelo contrário, o conceito de identidade tem sido amplamente debatido, atravessando diferentes disciplinas, a fim de verificar como seu uso permite discutir fenômenos da contemporaneidade. O longo percurso da discussão teórica obviamente também gerou ceticismo no que diz respeito à aplicabilidade ou à proficuidade do conceito. Nesse sentido, Brubaker e Cooper (2000) escrevem:

O problema é que “nação”, “raça” e “identidade” são usados analiticamente boa parte do tempo mais ou menos como são usados na prática, de maneira implícita ou explicitamente reificadora, de uma maneira que implica ou afirma que “nações”, “raças” e “identidades” “existem” e que as pessoas “têm” uma “nacionalidade”, uma “raça”, uma “identidade”. (BRUBAKER; COOPER, 2000, p. 6, tradução nossa)².

A crítica dos teóricos se dirige inicialmente ao uso inflacionário do conceito, sem um esforço de diferenciação, o que produz discussões

² The problem is that “nation”, “race”, and “identity” are used analytically a good deal of the time more or less as they are used in practice, in an implicitly or explicitly reifying manner, in a manner that implies or asserts that “nations”, “races”, and “identities” “exist” and that people “have” a “nationality”, a “race”, an “identity”.

que remetem a uma multiplicidade de fenômenos sociais, sem que captem, de fato, as dimensões reais em jogo. De certo modo, o artigo de Brubaker e Cooper (2000) reflete, no plano teórico, o ceticismo sociocultural exposto acima, questionando os potenciais do conceito, dado seu uso indiferenciado. A despeito da crítica, contudo, eles não tentam desacreditar a importância do fenômeno. No lugar de soluções fáceis como se esquivar de uma discussão sobre o alcance do conceito ou nomear esse complexo com termos depreciativos, eles fornecem alternativas para debater seus usos.

Com efeito, eles fornecem três vetores de análise para substituir o termo guarda-chuva: 1. Identificação e categorização, 2. Autocompreensão e localização social, 3. Semelhanças, conexões e agrupamentos. O primeiro vetor se entende como processo, envolvendo dinâmicas de reconhecimento, mas também de agência no que concerne a práticas de definição e categorização, isto é, quem nomeia e como. O segundo se volta para o modo como o indivíduo constrói sua imagem, a partir dos condicionamentos discursivos que o atravessam. O terceiro, por fim, busca compreender as dinâmicas de pertencimento que fundamentam as imagens do si. Assim, no lugar de um único termo, os autores preveem um conjunto de nomenclaturas, com a finalidade de nomear os diferentes processos que ocorrem no bojo da construção identitária.

Vista de um outro ângulo, essa discussão, na verdade, emerge de uma transformação na concepção da gestão semântica. No lugar de uma conceitualização estruturalista, interessada na descrição detalhada e delimitável do conjunto de semas atrelados ao conceito, a estratégia adotada se aproxima muito mais da versão desconstrucionista, que renuncia à utopia da essência, como um sedimento do macroprojeto da Modernidade, para focar no processo, com sua constante variação de sentido. Para o uso de conceitos teóricos, isso possivelmente significa optar pelo princípio de oscilação na gestão dos sentidos, um pêndulo que se move entre momentos de maior estabilidade e momentos de intensificação da instabilidade. O que permanece, contudo, é o ceticismo

frente ao uso da língua, especialmente quando esta se utiliza de estratégias demasiado estabilizadoras na enunciação de verdades.

Esse ceticismo talvez constitua o melhor elo entre a discussão teórica em volta do conceito de identidade e as inquietações estritamente líricas da segunda metade do século XX. Em seu artigo sobre a poesia alemã da década de sessenta, Raulet (1980) sustenta o seguinte:

O nacional-socialismo iniciou uma era de desconfiança dentro da própria linguagem poética, e a crise agora está dentro das estruturas poéticas. Além do trauma do fascismo, que desencadeou essa crise, há um crescente desconforto ideológico que determina as relações da poesia com o modo de produção dominante, e esse desconforto é projetado na linguagem, que é o meio do poema, por meio de uma crescente desconfiança do material linguístico (RAULET, 1980, p. 81, tradução nossa)³.

O artigo de Raulet (1980) tem com objeto de estudo a poesia de Paul Celan, Ingeborg Bachmann e Helmut Heissenbüttel. Suas considerações, contudo, condensam um fenômeno central da poesia da segunda metade do século XX, diante do qual todo poeta precisa se posicionar, ao fazer uso do material linguístico para pensar a arte do verbo. A inquietação central remete ao desafio de encontrar um vocabulário ou uma linguagem realmente capaz de instaurar um sentido não contaminado pelos processos de automatização, inscritos nos usos herdados. Trata-se de um esforço de ideação de novas estratégias de percepção. Enquanto a teoria empreende esse esforço a partir da discussão terminológica, a poesia o faz com sua atenção voltada para as dimensões estéticas inerentes ao processo de organização do material verbal.

No cerne dessa discussão, encontra-se um anseio de identificar novas formas de apropriação de realidade e, com isso, de enxergar o

³ National Socialism started an era of mistrust within poetic language itself, and the crisis is now inside poetic structures. Beyond the trauma of fascism, which triggered this crisis, there is a growing ideological discomfort which determines the relationships of poetry to the dominant mode of production, and this discomfort is projected into the language, which is the medium of the poem, through an increasing distrust of linguistic material.

mundo. Usos inflacionários, contaminações ideológicas, ausência de diferenciação, por fim, embotamentos produzem uma linguagem que já não consegue articular o conteúdo de uma perspectiva inovadora. Na verdade, esses elementos impedem, em grande medida, o acesso a essa perspectiva, condicionando a visão a enxergar a partir dos instrumentos linguísticos em curso. O esforço intelectual tanto teórico como estético busca encontrar alternativas, desbravando novos percursos de discussão ou novas estratégias para conduzir o olhar a configurações inovadoras.

Em “Bewußtseins-Industrie” (indústria da consciência), Enzensberger (2010) começa seu texto da seguinte forma:

Em sua própria consciência, todos se julgam soberanos, mesmo a cabeça mais dependente. Como a alma só é mencionada quando o confessor ou o psicanalista é chamado, ela é considerada o último refúgio do mundo catastrófico que o sujeito busca e pensa poder encontrar em si mesmo, como se fosse uma cidadela, capaz de resistir ao cerco cotidiano. Mesmo sob as condições extremas do regime totalitário, precisamente ali, ninguém gosta de admitir que ela pode ter caído há muito tempo. Nenhuma ilusão é defendida com mais tenacidade. A filosofia funciona tão ampla e profundamente, mesmo naqueles que a desprezam. Porque a superstição de que o indivíduo pudesse ser o dono da casa em sua própria consciência, se já não o pode ser em nenhum outro lugar, é filosofia degradada de Descartes a Husserl, filosofia burguesa especialmente, idealismo em chinelos, reduzido ao senso de proporção do privado (ENZENSBERGER, 2010, p. 7, tradução nossa).⁴

⁴ In seinem eignen Bewußtsein dünkt ein jeder, und noch der unselbständigste Kopf, sich souverän. Seitdem von der Seele nur noch die Rede ist, wenn nach dem Beichtvater oder nach dem Psychoanalytiker gerufen wird, gilt es als die letzte Zuflucht, die das Subjekt vor der katastrophalen Welt bei sich selber sucht und zu finden meint, so als wäre es eine Zitadelle, die der alltäglichen Belagerung zu widerstehen vermöchte. Auch unter den extremen Bedingungen der totalitären Herrschaft, gerade dort mag keiner sich eingestehen, daß sie vielleicht längst gefallen ist. Keine Illusion wird zäher verteidigt. So breit und tief wirkt Philosophie, auch auf ihre Verächter. Denn der Aberglaube, als könnte der einzelne im eigenen Bewußtsein, wenn schon nirgends sonst, Herr im Hause bleiben, ist heruntergekommene Philosophie von Descartes bis Husserl, bürgerliche Philosophie zumal, Idealismus in Hausschuhen, reduziert aufs Augenmaß des Privaten.

Trata-se de um texto da década de sessenta, um momento em que muitos intelectuais problematizaram as maquinações ideológicas de seu tempo e os impactos sobre as concepções do si (a exemplo disso, Friedrich Dürrenmatt, Max Frisch, Heinar Kipphardt). A partir do campo de interesse da comunicação, Hohlfeldt (2018) mostra o quanto a discussão empreendida por Enzensberger ainda permanece atual. Em seu ensaio, o poeta claramente questiona a extensão da autonomia individual, indicando que o si resulta, em grande proporção, das múltiplas incursões de sentido que se instalam sorrateiramente em sua consciência. Nessa discussão, o si já não figura como indivíduo cuja capacidade de pensar lhe permite ser ator das ações. Com efeito, a metáfora da cidadela parece ultrapassada, pois sugere alguma forma de autonomia, passível de incursão. A indústria da consciência, seguindo a argumentação crítica de Enzensberger, sistematicamente instala seus instrumentos de produção de consciência, de modo que no lugar de um indivíduo surge um ser assujeitado, a serviço da reprodução do pensamento dominante.

A radicalidade desse parágrafo inicial é típica para o período de produção do autor. Ao longo da carreira, ela vai se atenuar, mas não o ceticismo nem a ironia que fundamentam seu uso da língua. De fato, uma estratégia que atravessa a obra do autor é problematizar a encenação do si por meio da voz lírica, ora satirizando, ora ironizando, muitas vezes desacreditando a autonomia subjetiva, como resquício das práticas discursivas da Modernidade. O questionamento, contudo, permanece um foco importante do trabalho intelectual, isto é, como pensar o si diante das incursões insidiosas que só aumentaram, nas últimas décadas. Como é possível idear esteticamente uma voz que não reproduz a narrativa da força ocupante ou como encená-la de modo a identificar resistências à ocupação discursiva são perguntas que continuam no centro de inquietações poéticas.

A discussão acima fez confluír três momentos bastante díspares da reflexão teórica sobre dimensões da identidade: a problematização lexical e semântica de Brubaker e Cooper (2000) para a discussão do conceito de identidade, a problematização do fazer poético na segunda

metade do século XX identificada por Raulet (1980) e a problematização da autonomia do si no pensamento de Enzensberger. O que os três movimentos têm em comum é a preocupação com um instrumentário lexical que permita desautomatizar processos de percepção e apropriação de realidade, a fim de idear mecanismos para discutir dimensões da identidade. As respostas não são simples, pelo contrário, elas oscilam entre aporias e tentativas renovadas de recuperar a “cidadela” de que fala o texto de Enzensberger.

2. O POEMA “GUTES ZUREDEN”

Como indicado anteriormente, em todas as fases de sua produção, a poesia de Enzensberger problematiza questões identitárias e o uso da língua para sua articulação. O famoso poema “Defesa dos lobos contra os cordeiros”, publicado em sua primeira coletânea, ainda assume um tom de ataque explícito, revelando uma voz lírica que adota um posicionamento de militância e crítica social mordaz contra o sistema capitalista, mas também contra a pequena burguesia que está a serviço do sistema. Isso também vale para poemas como “Poema para os que não leem poemas” ou “O fim das corujas” da coletânea *Landessprache*, dois poemas que alertam contra os perigos da guerra nuclear e a destruição da natureza.

O ceticismo frente às ofertas identitárias e diante dos potenciais da língua se intensifica na coletânea *O naufrágio do Titanic*. Nela, figura o poema “Por que os poetas mentem: motivos adicionais” que problematiza a capacidade do código linguístico de captar a realidade. E talvez seja o poema “Revolução antiga” da coletânea *Zukunftsmusik* que melhor condense o percurso do ceticismo, um texto cuja voz lírica já não acredita mais nas promessas revolucionárias de transformação social. Os estudos de Seeba (1981) e Monroe (1997) retraçam esse percurso, evidenciando as transformações na concepção poética do autor.

A coletânea *Kiosk* de 1995 retoma a problematização da identidade, oscilando entre engajamento, ceticismo e ironia, como é o caso no poema “Gutes Zureden”, a ser discutido na sequência. Esse poema tem como

estratégia central problematizar a gestão semântica no uso da língua e dá continuidade ao princípio da polissemia que Koepke (1971) já identificou nos poemas da primeira coletânea de Enzensberger. Como muitos outros poemas do autor, ele incita o leitor a se posicionar diante da discussão que o texto propõe:

Gutes Zureden

Bei jeder sich bietenden Gelegenheit
deutsch sein oder links oder maskulin
oder katholisch oder jung oder gelb,
oder intelligent, oder im Gegenteil! –
nicht ergiebig, mein Lieber!
Lebenslänglich herumirren als Sandwichmann
für die eigenen Eigenschaften,
das muß doch nicht sein!
Eine schwach pigmentierte Epidermis
ist schließlich kein Beruf,
und was das betrifft,
auch die Liebe zum Beruf
kann man übertreiben.

Aber ich kann doch nicht
aus meiner Haut heraus!

Zugegeben. Aber deshalb
brauchst du noch lange nicht
herumzureiten auf deiner berühmten
Identität, die weiter nichts ist
als eine tönernerne Schelle
und ein Klappern im Wind.
Du könntest auch anders.
Es käme, denk es, o Seele,
auf den Versuch an.
(ENZENSBERGER, 2018, p. 63-64).

Bons conselhos⁵

A cada oportunidade que se oferece
ser alemão ou de esquerda ou masculino
ou católico ou jovem ou amarelo⁶,
ou inteligente, ou pelo contrário! –
não é produtivo, meu caro!
Deambular perpetuamente como um homem-sanduíche
Em nome das próprias qualidades⁷
isso não precisa ser!
Uma epiderme pouco pigmentada
afinal não é um trabalho
e quanto a isso
também o amor pelo trabalho
pode-se exagerar.

Mas eu não posso
sair da minha pele!

Certo. Mas por isso
Nem de longe você precisa
andar por aí em sua famosa
identidade que nada mais é
que um sino de barro
e um barulho ao vento.
Você também poderia agir de outra forma.
Dependeria, pense, ó alma, da tentativa.
(ENZENSBERGER, 2018, p. 63-64).

A configuração comunicacional do poema encena uma interlocução entre a voz lírica e um interlocutor, ao qual se dirige com o vocativo “alma” na última estrofe. O objetivo da interlocução basicamente é incitar

⁵ Outra tradução para o título talvez fosse “aconselhamento benevolente” ou “tentativa bem-intencionada de persuasão”.

⁶ A cor amarela também pode remeter à vertente mais liberal do espectro político alemão.

⁷ Possível referência ao romance de Robert Musil.

o interlocutor a repensar seu posicionamento no que diz respeito à administração identitária. O poema não esclarece se a voz lírica se dirige à própria alma ou se está interpelando um outro indivíduo por meio dessa escolha lexical. Independentemente do esclarecimento dessa questão, a interlocução encena uma exigência de posicionamento identitário, na qual a voz lírica figura como agente dominante da fala, enquanto a fala do interlocutor se resume a uma rápida defensiva, sem mais espaço para exposição de argumentos adicionais.

Na interlocução, não há marcadores claros para as respectivas falas. É preciso reler o texto para identificar que o poema não segue o fluxo contínuo de uma única voz. Essa estratégia de organização textual parece problematizar as fronteiras inscritas no si. A ausência dos marcadores suscita a pergunta sobre onde começa e onde termina o si em questão. Ao mesmo tempo, essa forma também parece recuperar o fluxo interrupto de ofertas discursivas que se dirigem ao si, de modo a problematizar aqui a imagem da “cidadela” como ente autônomo. Na verdade, o si que emerge do poema desperta a imagem de um sujeito acuado pelas expectativas exteriores que o interpelam, exigindo posicionamentos.

Os versos iniciais enunciados pela voz lírica recuperam diferentes formas de identificação e categorização, seguindo a terminologia de Brubaker e Cooper. Com efeito, ela questiona explicitamente as estratégias utilizadas pelo interlocutor para definir sua autoimagem, seus posicionamentos e suas conexões grupais. Para isso, ela aborda as grandes ofertas de categorização que fundamentam sociedades contemporâneas: nacionalidade, posicionamento político-ideológico, gênero, religião, faixa etária, raça e também capital intelectual. Nesse momento, sua incursão não tem o objetivo ainda de fazer uma oferta adicional às múltiplas afiliações a partir das quais seu interlocutor se concebe. Pelo contrário, sua estratégia é mostrar suas limitações.

Os versos seguintes reforçam esse movimento de questionamento, por meio de três complexos imagéticos importantes. O primeiro se instala por meio do lexema “lebenslänglich” (pela vida toda, perpétuo), cujos semas podem remeter ao campo semântico do encarceramento.

A voz lírica, portanto, cria uma confluência semântica entre as ofertas identitárias e a prisão, sugerindo que as diferentes afiliações se aproximam semanticamente da privação de liberdade e, com isso, de autonomia. O segundo lexema-chave é “herumirren” (deambular, errar), sugerindo que as afiliações não fornecem realmente uma configuração teleológica, pelo contrário, causam a ausência completa de orientação. A aproximação semântica corrobora que, no lugar da finalidade, elas incitam o interlocutor a uma concretização existencial que não leva a lugar nenhum. O terceiro lexema é “Sandwich-Mann” (homem-sanduíche), possivelmente oriundo do campo da propaganda, remetendo a alguém que está a serviço da propagação de produtos alheios. Aqui, o lexema claramente assume conotações negativas, pois o sujeito caracterizado como tal coloca o corpo a serviço das características que ditam determinadas formas de construção identitária. A voz lírica conclui a estrofe pondo em descrédito toda forma de identificação excessiva que induz o sujeito a disciplinar o si de tal modo a poder construir uma narrativa sólida de pertencimento.

A alma, alvo das incursões da voz lírica, se encontra completamente acuada. Para expressar essa sensação, ela se utiliza de um conjunto imagético proveniente da expressão idiomática “nicht aus seiner Haut [heraus]können”, lexicalizada no Duden como situação em que o indivíduo não consegue ser diferente ou agir de outra forma. No português, há a expressão “não querer estar na pele de alguém”, que se utiliza do mesmo campo imagético, mas com um significado diferente. Enzensberger (2018) emprega essas frases feitas a fim de causar estranhamento e chamar a atenção para a perda de gume, no processo de automatização dos usos da língua. A estratégia, nesse contexto, é recuperar o significado denotativo, mantendo a dimensão conotativa.

Assim, a alma, interlocutora da voz lírica, indica que não consegue abandonar o próprio corpo (e a situação em que se encontra) estando portanto encarcerada nessa condição visceral, o que condiciona o seu ser no mundo. Essa interposição traz um ingrediente adicional à definição do si, borrando ainda mais suas fronteiras, pois sua boa vontade de atender àquilo que a voz lírica lhe sugere encontra o obstáculo do próprio corpo

que se impõe como fundamento do si. Nesse horizonte, a identidade individual resulta das múltiplas ofertas de afiliação sociocultural, mas também de um condicionamento corporal que se instala como dimensão coercitiva ao lado dos anseios anímicos.

A partir da gestão semântica da língua, Enzensberger, portanto, problematiza dimensões da identidade. Por meio do estranhamento, ele desconstrói versões simplificadas da realidade, fazendo uso, sobretudo, da ironia para instalar a dúvida. Nisso, a fraseologia do cotidiano, em seu uso automatizado, se torna alvo de seu escrutínio, a fim de resgatar dimensões do sentido que se encontram apagadas. O modo como a desconfiança perante a língua se manifesta neste poema claramente difere das estratégias utilizadas por Celan, Bachmann ou Heissenbüttel, mas sua inquietação parece ter a mesma origem. Isto é, há um esforço estético-intelectual de instalar mecanismos para assegurar que a língua não se torne cativa do embotamento cotidiano. Nesse movimento, o autor oferece resistência à indústria da consciência, estranhando a fraseologia que fundamenta a instalação de crivos automatizados de apropriação de realidade.

Na parte final do poema, a voz lírica volta a enunciar a fala. Embora reconheça a validade do argumento exposto por seu interlocutor, ela retoma o ataque iniciado na primeira estrofe. Nisso, ela basicamente intensifica seu ceticismo perante o conceito de identidade, caracterizando-o como “sino de barro” e “barulho ao vento”. O que as duas imagens têm em comum é a emissão de ruídos não duradouros, marcados por rápida dispersão. Com isso, ela empreende um segundo movimento de deslegitimação das narrativas de identificação, categorização, localização social e agrupamentos, instando a seu interlocutor a que identifique outras formas de autocompreensão.

Os versos finais exortam o interlocutor a pensar em alternativas, mas sem oferecer indícios sobre como concretizar o si sem recurso às narrativas socioculturais em circulação. Com isso, os conselhos bem intencionados – o título do poema instala a expectativa de que a voz lírica faça alguma oferta em relação a isso – se restringem a suscitar, por meio da ironia, o ceticismo frente a um conceito de identidade que se volta excessivamente

para a demonstração explícita dos pertencimentos, mas não oferece uma orientação sobre o tipo de ação a ser adotada pelo interlocutor, a fim de atender a suas expectativas.

Para um poeta conhecido por sua mordacidade e ironia, o título do poema causa estranhamento e impele à desconfiança. Cabe perguntar pela finalidade desses bons conselhos e da tentativa bem intencionada de persuasão. O poema não esclarece cabalmente se deve ser decodificado no marco da ironia ou de uma proposição autêntica. No fim, é preciso perguntar se aquilo que o leitor encontra representa mais uma oferta narrativa, diante da qual o interlocutor se encontra acuado e sem alternativas para escapar, dadas as exigências de posicionamento inerentes ao imperativo identitário ou se encena uma proposta autêntica feita pela voz lírica, no sentido de instar o interlocutor a encontrar alternativas para a concretização de sua versão de identidade.

Possivelmente a estratégia textual é manter a ambiguidade, forçando o leitor a desacelerar sua velocidade de leitura e de decodificação automatizada. Nessa linha de argumentação, a voz lírica se torna alvo da desconfiança do leitor, instando-o a não aceitar automaticamente a versão de realidade (ficcional) proposta por determinado enunciador e impelindo-o a, de fato, refletir sobre as implicações daquilo que se expõe na negociação semântica inscrita no poema.

O problema central possivelmente resida na oferta convicta da verdade alternativa. Ao longo de sua carreira, Enzensberger aprendeu a desconfiar das promessas demasiado incisivas. O poema “Alte Revolution” está a exemplo disso. Talvez aqui sua desconfiança se volte para as promessas identitárias. Ao manter a ambiguidade, o poema escapa da indústria da consciência, criando um obstáculo de decodificação e desencadeando a necessidade de reflexão sobre os usos da língua. Talvez a intenção não seja questionar a relevância do debate sobre percursos da identidade na contemporaneidade, mas sim de mostrar que é importante instalar mecanismos reflexivos para que essa discussão não se transforme em produto da indústria discursiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Possivelmente o cansaço revolucionário da década de setenta se transformou em cansaço identitário na década de noventa. Enzensberger não abandona seu ímpeto de crítica social, mas ele tende a um posicionamento atravessado pelo ceticismo. O questionamento inscrito no poema continua de grande importância para contemporaneidade, isto é, como pensar e concretizar identidades individuais, sem que o indivíduo e a discussão sejam cooptados pela indústria da consciência e, ao mesmo tempo, como encontrar um uso da língua que não esteja embotado pelo uso excessivo e indiferenciado.

Por fim, vale lembrar que na década de noventa Enzensberger já é um escritor canonizado, portanto, com um posicionamento social em que questões identitárias talvez sejam menos relevantes, podendo questionar seu uso excessivo. Para outros escritores e intelectuais, contudo, essa realidade está muito distante, de modo que a asserção identitária não representa uma questão de reprodução da indústria da consciência, mas sim um movimento de obtenção de voz e de resistência ao silenciamento. Posicionamentos também definem usos da língua. Em ambos os casos, a problematização que o poema apresenta é relevante, pois objetiva desautomatizar usos da língua. Assim, em consonância com as diferentes propostas teóricas apresentadas no artigo, o poema certamente critica o conceito de identidade por meio da ironia e do ceticismo, mas não o abandona. Pelo contrário, a pergunta sobre sua dinâmica semântica permanece aberta, como convite ao leitor.

IDENTITY, IRONY AND SKEPTICISM IN HANS MAGNUS ENZENSBERGER'S POEM "GUTES ZUREDEN"

ABSTRACT

This article aims to discuss the poem "Gutes Zureden" from the collection *Kiosk*, published in 1995 by Hans Magnus Enzensberger. In the initial part, the article presents a theoretical discussion on the concept of identity and its confluence with concerns arising from the poetic discussion of the second half

of the 20th century, adding Enzensberger's contributions about the industry of consciousness. In the three vectors of this discussion, the focus is directed to meaning management and language uses. The second part of the article presents an analysis of the poem, in order to verify how the concept of identity is problematized in the text.

KEYWORDS: Hans Magnus Enzensberger. Kiosk. Gutes Zureden. Identity. Poetry.

IDENTIDAD, IRONÍA Y ESCEPTICISMO EN EL POEMA "GUTES ZUREDEN" DE HANS MAGNUS ENZENSBERGER

RESÚMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir el poema "Gutes Zureden" de la colección *Kiosk*, publicada en 1995 por Hans Magnus Enzensberger. En la parte inicial, el artículo presenta una discusión teórica sobre el concepto de identidad y su confluencia con inquietudes surgidas de la discusión poética de la segunda mitad del siglo XX, añadiendo los aportes de Enzensberger sobre la industria de la conciencia. En los tres vectores de esta discusión, el foco está en problemas de gestión semántica y usos del lenguaje. La segunda parte del artículo presenta un análisis del poema, con el fin de verificar cómo se problematiza el concepto de identidad en el texto.

PALABRAS CLAVE: Hans Magnus Enzensberger. Kiosk. Gutes Zureden. Identidad. Poesía.

REFERÊNCIAS

BERG, Cilliers van den. The poetics of littérature engagée: Hans Magnus Enzensberger. *Acta Academica*, v. 42, n. 1, p. 97-131, 2010.

BRUBAKER, Rogers; COOPER, Frederick. Beyond "identity". *Theory and Society*, v. 29, n. 1, p. 1-47, 2000.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Einzelheiten I: Bewußtseins-Industrie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2010.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Kiosk*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2018.

HOHLFELDT, Antonio. Glosando a obra pioneira de Hans Magnus Enzensberger. *Revista Observatório*, v. 4, n. 3, p. 708-725, 2018.

KOEPKE, Wulf. Mehrdeutigkeit in Hans Magnus Enzensbergers bösen Gedichten. *The German Quarterly*, v. 44, n. 3, p. 341-359, 1971.

MONROE, Jonathan. Between ideologies and a hard place: Hans Magnus Enzensberger's utopian pragmatist poetics. *Studies in 20th & 21st Century Literature*, v. 21, n. 1, p. 41-77, 1997.

RAULET, Gérard. The logic of decomposition: German poetry in the 1960s. *New German Critique*, n. 21, v. 3, p. 81-112, 1980.

SEEBA, Hinrich C. Der Untergang der Utopie: Ein Schiffbruch in der Gegenwartsliteratur. *German Studies Review*, v. 4, n. 2, p. 281-298, 1981.

Submetido em 20 de maio de 2022

Aceito em 01 de agosto de 2022

Publicado em 25 de setembro de 2022
